

Edição nº 18 | dezembro de 2015



REVISTA  
**Peabiru**

**EL GRAN DÍA VENDRÁ**

ISSN 2358-4831

UMA REVISTA COLABORATIVA SOBRE  
CULTURA LATINO-AMERICANA



# EXPEDIENTE

## EQUIPE:

COORDENAÇÃO E EDIÇÃO: MICHELE DACAS  
RENAN XAVIER

ORIENTAÇÃO: FRANCIELI REBELATTO

IDEALIZAÇÃO DO PROJETO: MICHELE DACAS

BOLSISTA: MAYARA GOMES

DIAGRAMAÇÃO: ANITA DELVALLE

ILUSTRAÇÃO: DIANA CANALES

RAFAEL MAIER

REVISÃO ESPANHOL: SILVANA MAMANI

## COLABORADORES:

CYNTHIA QUITORAN RETAMOZO

FRANCIELI REBELATTO

JESUS IBAÑES OJEDA

JOÃO PEDRO DE MELLO PORTO

JÚLIO DA SILVEIRA MOREIRA

RENAN PINNA

THIAGO VETROMILLE

## APOIO:

GRUPO PET | CONEXÕES DE SABERES | UNILA  
SECOM | SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

CURTADOC | SESCTV

# EDITORIAL

Dezembro. 2015. Eis que se fecha outro ciclo, ou *a la Caetano*, ou não! O caminho segue *hasta* o fim, ou nos embolamos no começo?

Pouco importa. Certa é nossa arena de embate, reconhecendo a cultura como campo de luta, resistência, abrigo e integração. As páginas virtuais são lugar de ampliação das representações e das identidades por onde ecoam, gritam e escorrem vozes, imaginários e reflexões! Seguiremos escancarando a diversidade e batendo o pé pela comunicação como direito de todos! Queremos pintar revista, internet e UNILA de povo, desses povos tão misturados e únicos dessa América Latina. A Peabiru deu, dá e dará luz a caminhos por onde passam as lutas e reivindicações das gentes índias, negras, camponesas, e de todas cores, tão fortes e singulares; na luta por libertar os corpos e as mentes, salvaguardando os corações, cultivando um espírito integracionista e latino-americano, tão urgente.

O ser "Unileiro" nos enche de orgulho e preenche as folhas da Peabiru, com suas belezas, festas, rebeldias e ousadias... Faz com que saía do armário os preconceitos tão íntimos e tão secretos desta cidade cosmopolita. É possível explicar a desconfiança senão pelo medo ancestral do outro?

Estigmas dos vencedores pairam também sobre a Bolívia e região andina por conta de um de seus elementos mais sagrados, a folha de coca. Relato presente no *Museo da Coca*, em La Paz, expõe a origem do preconceito e da guerra mundial contra a folha, amplamente usada em todo mundo.

A *Lucha Libre* mexicana e seu mistério trazem à tona histórias irresistíveis... esta peculiaridade mexicana tem muito a oferecer a quem queira descobrir. E tentamos entender um pouquinho sua essência. E as almas vendidas pela exploração mineral (ela de novo) de Mariana, em Minas Gerais? Quanto Valem?

Viajando pelas areias peruanas, paramos nas misteriosas Pampas de Jumana. De retas a aranhas, desenhos lindos e detalhados cobrem a extensão de seu solo. Há como saber de onde vieram?

Quantos segredos as rodeiam? Quantos segredos nos rodeiam? Quanto de segredos e mistérios somos? Quanto valem?

# DES VENDA-TE >>>

# ÍNDICE >>>





6 LINEAS EN LA ARENA

8 MÉXICO: LUCHA LIBRE Y SACRIFICIO

10 O MUNDO CONTRA UMA PLANTA MILENAR

12 AMÉRICA LATINA UNA E DIVERSA

14 FOZ LATINO-AMERICANA

16 QUANTO VALE UM RIO?

18 COXIPÓ DO OURO: DESDE UM BRASIL  
INDÍGENA, NEGRO E COM CÂMERA

# LINEAS EN LA ARENA

Por: Chaska

En una tierra rodeada de dunas, de arena blanquísima que refleja el radiante sol donde el desierto se une con el mar en el litoral peruano, se encuentra un enigmático arte plasmado a través de líneas en la arena. Se trata de los trazos realizados en las Pampas de Jumana, localizados entre las ciudades de Palpa y Nasca en la costa del Perú y a 450 km del sur de Lima. Estos diseños gigantescos de animales, personas y figuras geométricas, fueron realizados con suma precisión y detalle. Son alrededor de 10.000 líneas diseñadas sobre un enorme lienzo de arena de 350 km<sup>2</sup> de área.

En su mayoría representan líneas rectas de varios kilómetros de extensión, las cuales dan vida a diversas formas triangulares, rectangulares y trapezoidales. Entre las figuras zoomorfas, se encuentra la de la Araña, que mide aproximadamente 45 metros de largo. La figura de la Orca es de 30 metros, siguiendo la del Colibrí de 97 metros. Ya la figura del Mono mide 142 metros de largo y la del Lagarto es de 200 metros, por citar las más famosas. También existen figuras fitomorfas y, en menor medida, antropomorfas. De éstas últimas la más conocida es una figura llamada El Astronauta que mide 30 metros de longitud.

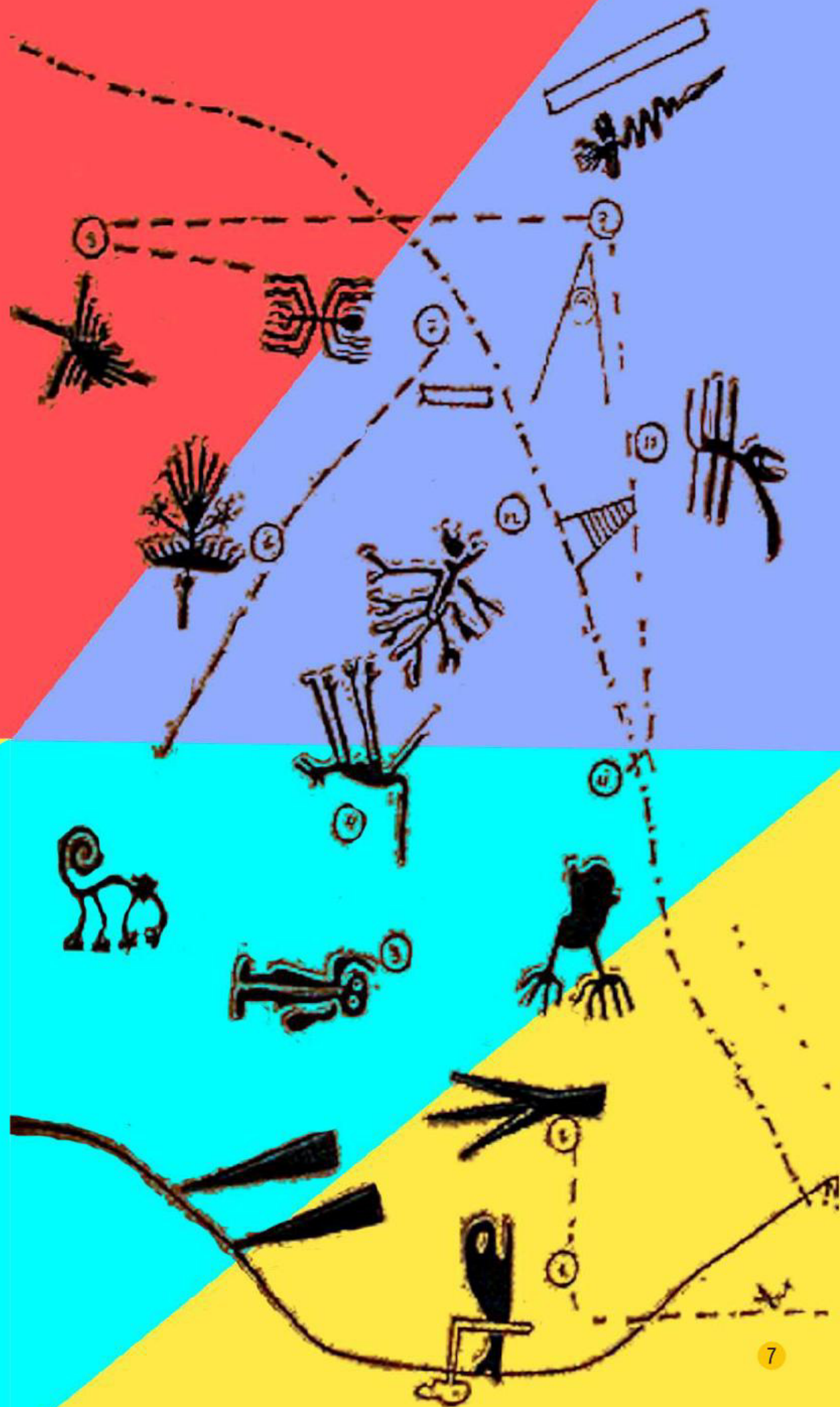
Se desconoce su fin, motivo por el cual muchas personas alrededor del mundo también creen que fueron hechas por seres extraterrestres. O tal vez por alguno capaz de volar, ya que para hacer estos trazos se necesitaría de una visión de pájaro para saber cómo direccionar el trazo. Sin embargo, el misterio fue develado gracias al trabajo de científicos nacionales e internacionales, entre los que se destaca María Reiche (1903-1998), arqueóloga germano-peruana más conocida como la dama del desierto. Gracias a su labor y la de otros estudiosos, actualmente se sabe que su origen evoca a una cultura milenaria del Antiguo Perú, la cultura Nasca. Los hombres y mujeres de esta cultura, desarrollada hace más de veintiún siglos atrás, realizaron

dibujos con suma precisión. Así, demostraron que poseían capacidades especiales de pensamiento abstracto, lo que llevó a que estas personas desarrollaran conocimientos de aritmética, geometría y topografía, además de otras manifestaciones de representación artística.

El misterio que guardan estas líneas en relación a su significado, ha llevado a innumerables teorías que van desde los comentarios más fantásticos hasta las de carácter científico. Algunas son el calendario astronómico, el cual señala que las líneas tienen relación con las constelaciones. O que son epicentros de actividad ritualista, donde se congregaban culturas vecinas de la Cultura Nasca para adorar a los dioses. También se piensa que estas líneas direccionan a puntos específicos de la capa freática donde existe agua en el subsuelo o que fueron hechas para conducir a la persona hacia la ciudad de los Nascas, llamada Cahuachi.

Otro detalle importante es que estas líneas hayan sobrevivido al paso del tiempo. Esto se debe al clima y terreno favorables de la región desértica, con pocas precipitaciones y vientos. Como se puede imaginar, la escala a la que fueron hechos estos diseños es extraordinariamente grande, lo que lleva a observarlas a partir de una determinada altura, ya sea sobrevolándolas o desde un mirador.

Si bien el fin de estas líneas es incierta, lo que se sabe es que continuarán atrayendo la curiosidad de muchas personas alrededor del mundo y que el legado de estas culturas antiguas perdurará siempre que se mantenga vivo el interés por explorar más acerca de nuestra enigmática América Latina.



# MÉXICO: Lucha Libre e Sacrifício

Por: Thiago Vetromille

Dois seres humanos mascarados sobem em um ringue posicionado no centro de uma arena, 12 mil pessoas, que já conhecem o roteiro daquele espetáculo, se acotovelam e gritam a eles para que lutem. Os mascarados, atendendo ao clamor, se lançam em um intrincado jogo de chaves, torções e golpes aéreos marcados pelo exagero, mas também pela performance teatral. Quem já foi à Cidade do México e assistiu a uma das Funções da Companhia Mundial de Luta Livre já vivenciou o descrito acima. Aqueles que não tiveram essa oportunidade, ainda podem reconhecer alguns traços desta representação cultural em alguma apropriação midiática, como um filmes, programas de televisão ou, até mesmo, um desenho animado.

Com 80 anos de história, a Lucha Libre é um caso particular. Em nenhum outro país, a luta livre conseguiu o status popular que atingiu na cultura do México. Muitas hipóteses podem ser levantadas para justificar este sucesso. A que defendo aqui passa pelos costumes Aztecas, cultivados através de resistência coletiva pelos cidadãos mexicanos, sem a intervenção do colonizador. Afinal, por mais violenta que seja a invasão que reduziu a força dos nativos americanos, a cultura do colonizador pouco tem a ver com esse empoderamento operado pela catarse da violência que encontramos na Lucha Libre.

Nesta situação, penso que a força vem pelo que vou chamar de "Sacrifício", um conceito que envolve intimamente a mitologia

Mexicana. Para entendermos isso, consideramos uma das maiores festas que os povos de língua nautahl, que compunham o Império Mexicano, dedicava a Quetzalcóatl, e na qual por 40 dias, alguns escravos representariam esse deus, sendo tratados como tal. Eram banhados, alimentados e embriagados, enquanto assistiam a apresentações de cantos e danças que lembravam seu destino final: ter seu coração retirado em oferenda a Quetzalcóatl; sua pele retirada e usada por outros para também representar o Deus, e seu corpo repartido entre os presentes no ritual.

Na Lucha Libre, o lutador também se sacrifica em nome de uma virtude maior que representa enquanto luta. Ele é um esportista completamente dedicado a seu destino que sacrifica a sua identidade por meio da máscara. Muitos luchadores escondem sua profissão daqueles que se aproximam dele. Em uma das seqüências iniciais do documentário *Götter aus Fleisch und Blut*, dirigido por Janina Möbius, filmado em 1995, Victor Martinez, alfaiate e herdeiro de ofício de Antonio Martinez, o primeiro fazedor de máscaras para Lucha Libre do México, fala sobre a criação de um mistério necessário a personagem do Luchador. Para Victor "nosso país é muito misterioso. Quando um lutador põe a máscara, cria-se um mistério. Isso é atrativo para as pessoas. Elas vão ver o lutador e querem vê-lo sem máscara. Por isso se põe a máscara profissional."



O desvendar dessa prática continua intensamente presente no México. Suas funções sempre trazem as multidões de volta a arena onde modernos gladiadores representam a certeza de justiça vencedora para todo guerreiro que ousar enfrentá-lo de cabeça erguida e peito aberto.

QUANDO UM LUTADOR PÕE A MÁSCARA,  
CRIA-SE UM MISTÉRIO.



Imagens: Lourdes Grobet, do livro Espectacular de Lucha Libre

# O MUNDO CONTRA UMA PLANTA MILENAR

Por: Renan Xavier

Milenar na América Latina e tradicional aos povos andinos, a planta de coca recebe ofensiva global devido ao potencial da mesma. Fundamental à Coca-Cola (e outros refrescos) e à indústria médica (como anestésico), a planta, por dar origem à cocaína, no entanto, é um dos principais alvos da guerra contra as drogas promovida por Estados Unidos e Europa. E assim, Bolívia, sua cultura e população vêm sendo expostos, há anos, a uma campanha difamatória que procura estigmatizar todo o país e região andina, atingindo-os em um de seus pontos mais centrais.

A "hoja de coca" é a base cultural dos povos andinos, em especial Bolívia e Peru. É referência à religião e misticismo, com uso voltado à alimentação e à saúde da população, tanto contemporaneamente, quanto historicamente. Largamente encontrada no território andino, a coca é tão importante aos povos ancestrais que é vinculada a origem dos povos, a partir da deusa Mama Coca. O homem branco, entretanto, assim que teve contato com a folha já iniciou poderoso processo de negatização, disseminando estigmas e preconceitos. Utilizada nos mais diversos cultos andinos (do casamento à morte), a folha foi considerada diabólica para a Igreja Católica já em 1551.

A coca esteve vinculada a todo o processo pelo qual passou a região andina e segue como símbolo da resistência do povo. Em Potosí, por exemplo, ícone da ganância espanhola de onde foram retiradas toneladas de prata e cobre, a

*...Y nuestro Dios Andino dijo:  
...Guarden con amor sus hojas  
y cuando sientan dolor en su corazón,  
hambre en su carne  
y oscuridad en su mente...  
Llévenselas a la boca y con dulzura  
extraigan su espíritu  
que es parte del mío...  
Obtendrán alimento para su cuerpo,  
amor para su dolor  
y luz pa su mente...  
Y aún más, observen el baile de estas  
hojas con el viento y obtendrán  
respuestas para sus preguntas...  
Pero si tu verdugo llegado del norte,  
el conquistador blanco  
el buscador de oro la tocara  
sólo encontrara en ella  
veneno para su cuerpo  
y locura para su mente...  
Y cuando la Coca, que es así como  
la llamas intenté abandonarlo solo  
lograra romperlo  
como los cristales de hielo formados  
de las blancas nubes destruyen las  
rocas, demuelen las montañas.*

Trecho da "Leyenda de la Coca"  
de Antonio Dicz Villamã.





folha segue sendo consumida segundo as tradições de outrora. Como os mineiros ficam quase o dia inteiro sob a terra, o consumo de folhas ajuda a afastar a fome, dar energia e apaziguar o cansaço. Os mineiros retiram as ranhuras e enchem a boca de folhas, uma a uma, deixando-as descansando em um dos lados da boca. Pouco a pouco, elas se dissolvem.

Povos pré-incaicos e incaicos utilizavam a folha na cura de doenças e em cirurgias diversas, inclusive que envolviam a abertura de crânios. O uso como anestésico revolucionou a medicina moderna. Esta descoberta se dá nos anos de 1800, chamando a atenção dos grandes laboratórios globais para a substância. Identifica-se, também, a cocaína, substância tida como estimulante que passa a circular nas rodinhas da elite e entre os artistas, principalmente na França.

Angelo Mariani desenvolve, em 1863, certa efusão de coca, que será chamada de Vinho Mariani. Era comercializada devido ao efeito medicinal e recreativo. O Papa Leão XIII carregava um frasco consigo e chegou a premiar seu criador com uma medalha de ouro. Esta bebida irá originar a *Coca-Cola*, alguns anos depois. O refresco contava com cocaína até 1902.

A folha de coca tem ínfimas porções de cocaína, mas, mesmo assim, vem sendo combatida pelo mundo como se fosse a responsável pela tão intensa drogadição norte-americana. Como se a milenar folha fosse a responsável pelo escapismo e vício de parte da população (se fosse assim, o consumo na Bolívia seria elevado, e não é), e pela violência causada em torno de sua comercialização. Inclusive, já foram determinados embargos ao país devido à produção.

A comercialização da folha também precisa ser analisada. Presume-se que grandes empresas, inclusive as farmacêuticas, produzem a cocaína (ou a base) a partir da coca. O consumo não se dá nos Andes, mas a violência e o estigma ficam aqui. O produto é consumido nos maiores e mais ricos centros urbanos do mundo, onde fica também o lucro. Como se o problema fosse a produção da coca e não os poderosos comerciantes.

Bem, esta história toda é contada no Museo da Coca, em La Paz, Bolívia. Um pequeno, mas excelente local, para se compreender o vínculo intrínseco entre a coca andina e o perverso mundo globalizado. Uma cultura milenar que é apropriada pela selvageria capitalista mundial, autodestrutiva.



# AMÉRICA LATINA UNA E DIVERSA

"Quizás la manera más tranquila de hacer la integración es abrir la ventana de nuestros sueños, deseos y de nuestras culturas, para hacer posible que el otro pueda tomar conocimiento de quiénes somos, de como vivimos, de como hablamos, de como es nuestra cultura y a partir de ahí crear um entendimiento más provechoso y también más positivo em términos de integración".

Rogério Soares

revista.peabiru@gmail.com  
unila.edu.br/revistapeabiru



Cynthia Retamozo e Socodela (fotos)  
Festival Latino-Americano,  
dezembro Foz do Iguaçu.



12





# FOZ LATINO-AMERICANA

Por: Júlio Moreira

Fotos: João Pedro de Mello Porto



UNILA, aos poucos, se consolida no horizonte da região trinacional

Desde a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, em 2010, Foz do Iguaçu recebe estudantes e professores de toda a América Latina. Os “Unileiros” têm desafiado os imaginários sócio-culturais da cidade, deslocando o que está localizado.

A América Latina é feita de cores, sabores e sons. O forró e a salsa, o reggaeton e o funk, o rock e a trova, a bachata e o arrocha. As festas de santo, folias de reis, congadas, festivais. O mole negro, a pamonha, o ceviche, as pimentas de todos os sabores. Como no clipe Latinoamérica, do Calle 13, a América Latina é isso. Mutiplicidade de rostos, de povos, que têm sua unidade na diversidade.

E o que é Foz do Iguaçu? Cidade de fronteira, a tão falada Tríplice Fronteira. Como poderia dizer Canclini, a fronteira é um lugar de práticas culturais diversas e de mobilidade: de negação/transformação de padrões e tradições. Ao mesmo tempo, Foz do Iguaçu é uma cidade brasileira, do sul do Brasil, do Estado do Paraná, do oeste paranaense. A

fronteira empurra para um rumo e o contexto local empurra para outro. A cidade guarda essa ambiguidade, mas tudo se acopla e faz sentido. Árabes e asiáticos encontram seu lugar no comércio local. A cidade discrimina os paraguaios, mas também os explora em trabalhos domésticos em condição de servidão. E chegam os Unileiros. Do Peru, Colômbia, Venezuela, Haiti, Uruguai, Paraguai, Argentina, Chile, Equador, México, Bolívia e tantos outros países. Trazem em seus corpos e em suas esperanças toda a América Latina.

Mas, que cidade recebe os Unileiros?

“Adonde vayas bienvenido seas” é um lema do povo Kuna, do Panamá. “Fui estrangeiro e me recebeste na sua casa”, lembram os religiosos scalabrinianos, referindo à passagem bíblica em Mateus 25, 35. “Minha casa é a sua casa”, dizem os mexicanos. Tudo isso nos lembra a dimensão humana da hospitalidade, sentimento propriamente latino-americano, que os viajantes conhecem bem: “Vou te mostrar o meu país”. “Como o México tem te tratado?”, perguntam os mexicanos aos que vêm de fora – revelando que a hospitalidade é uma preocupação de ordem coletiva e não individual. Se você não está bem em minha casa, não é um problema só para mim, mas para todos que estão na casa.

Em Foz se escuta muita coisa sobre “esse pessoal da UNILA”, independentemente do país de onde venha (lembrando que também há milhares de “estrangeiros do Brasil”). Que têm cabelo de cipó, que se vestem mal, que têm mal cheiro, que incomodam a vizinhança, que têm práticas imorais. Interessante. Esses



Foz ainda apresenta desafios à comunidade acadêmica da UNILA

adjetivos se aplicariam a qualquer coletividade discriminada num contexto, com valores e comportamentos que destoassem do padrão que acomoda e diz quem é aceito na estrutura social local... latino-americanos nos Estados Unidos, árabes na Europa, e por aí vai... Não só se fala, a fala é só uma expressão de outras práticas discriminatórias.

Foz significa o ponto onde um rio deságua: o Iguaçu nasce perto de Curitiba e deságua no Paraná, que nasce do encontro dos rios Paranaíba e Grande no Brasil, e deságua no Rio da Prata, que abre a terra entre a Argentina e o Uruguai e encontra o mar. Os rios, cada um com suas matizes, correm entre os países e se mesclam sem pedir permissão.

Para os latino-americanos da UNILA, a cidade também é uma Foz: um ponto de chegada. Mas ninguém vê os diferentes rios que passam por ela. O que chega de outras águas aqui parece não poder seguir livremente o seu curso. Foz é uma cidade do oeste do Paraná, um estado do sul do Brasil, que filtra muito do que chega até ela: as cores, os movimentos, os corpos. Nesse fluxo a diversidade sucumbe e tudo tem de ser igual ao que ela é. É proibido aos moradores de rua –

que vêm de vários países – dormir na rua. Da mesma forma que é banida a música, a teatralidade, a arte, e a espontaneidade. É raro até mesmo vermos por aqui o povo guarani, onde estão? Em Foz as culturas se organizam em guetos, constituem um imenso arquipélago onde cada um deles é uma ilha. Não há muitos espaços na cidade para que as diferenças se encontrem, e os unileiros trazem em seus passos a afronta de ousar e desejar a mistura, se atrevem a perfurar cada ilha, inundando de diversidade o arquipélago.

Mesmo assim, a interculturalidade acontece. Peruanos fazem festas peruanas, paraguaios fazem festas paraguaias, equatorianos fazem festas equatorianas, argentinos fazem festas argentinas, todos se misturam em festas latino-americanas, e por aí vai.

Aliás, tenho que ser justo aqui e comentar que o bairro mais latino-americano de Foz é a Vila Portes. Ali tudo é diferente: as cores, os sabores e os sons. Tematizada todos os dias nos programas policiais como apenas um local de crime fiscal e apreensão de drogas. Há se todos soubessem o que o noticiário desconhece...

Em Foz, a América Latina existe, mesmo sem querer ser vista.

# QUANTO VALE UM RIO?

Por: Renan Pinna

Passado.  
Presente...  
Futuro?

O vale do rio doce  
A vale e o rio doce  
"Da lama ao caos  
Do caos a lama"  
Quem viveu, não viverá  
Porque quem viu, não verá  
Porque quem ganhou,  
não se punirá  
E quem perdeu, sede terá  
Aqui jaz..  
mais um rio doce, o rio doce.

A "lama" escorre... na calha infecunda que agora virou o rio doce. Sou capixaba. Fui criado na beira do Rio Doce, portanto, fui ribeirinho. Sai de lá com quase 20 anos. O rio ainda estava lá, poluído, cada vez menor e com pouca água, mas estava. Quando criança eram muitas as histórias e as fotos registradas de uma época do Rio Doce que não vivi. Meus pais me contavam que dava pra tomar banho lá, que a água era limpa e clara, que dava até para lavar roupa sem sabão em pó omo, que a roupa branca saía como sai hoje com vanish. Dava também para beber com qualidade, para molhar os pezinhos da horta e, que ele (o rio) não enchia com tanta frequência com enchentes, como as que começaram a aparecer a partir daquela época. Com o tempo, foram assoreando o rio para fazer calçadões, ampliar a cidade, crescer no concreto. O querer do progresso foi apertando e desmatando as cabeceiras do rio e o rio foi ficando cada vez mais apertado. Até que, quando chovia enchia demais o rio, o doce transbordava nas beiradas da cidade e quem morava por perto dele, tinha que migrar. Anos atrás, ainda era possível ver na cidade os pescadores recostados nas pequenas pontes que ligavam os arroios oriundos do rio, com as



Foto: MAB

suas varas de pescar esperançosos por encontrar peixes para o almoço, eles ficavam horas e horas no calar da noite estrelada na espera de um peixe bom. E no rio doce se encontravam peixes grandes e espécies pouco conhecidas, das mais saborosas. Os peixes do rio doce tinham um sabor diferente dos que se vendia nos supermercados. Quando alguém pescava no rio, havia um sentimento de orgulho por comer um peixe que vinha de lá, era o prato especial da semana, o mais valorado, mas que não tinha preço. Meus irmãos me diziam que a diversão no final de semana era pegar o barco e passear no rio, depois paravam em uma ilha das várias que haviam ao longo da bacia e ali pescavam alguns peixes, os assavam ali mesmo e, depois comiam. Pulavam do alto de antigos vãos de concreto para nadar e se divertiam no meio do vale. Eu mesmo, quando criança, cheguei a brincar com as pedras quicando nas águas. As pedras logo sumiam nas profundezas de um rio que, para mim, parecia gigante. Na falta de mar, todo ano novo, jogávamos flores no rio doce para saudar lemanjá. Já sabíamos que uma hora, aquelas flores jogadas no rio, tomariam o curso e chegariam ao litoral. O rio não era estranho a



nós, era próximo, era nosso. Mas com o passar dos anos, os barcos que eram costumeiros das fotos de família, já vinham dando lugar a blocos de areia, a crescente seca do rio não os deixava mais navegar. Com a construção de uma hidrelétrica em Minas Gerais e com o assoreamento do rio, em épocas de chuva, as comportas não aguentavam, e a cidade com o rio apertado não suportava essa estrutura, assim o que era cidade virava rio novamente. Como na enchente do rio doce que há um ano assolou minha antiga cidade, levando tudo embora, desde fotos da minha infância até a memória material da minha casa. Mas hoje, o rio morreu, embora padecesse a algum tempo. Hoje não foi a enchente que diluiu nossa casa. Não foi a enchente que levou as memórias de parte da minha vida. Não foi o rio que levou nossa história. Mas foi o rio que foi levado. Hoje foi uma enchente de lama que levou o rio. Hoje, o rio foi concretado de vez, pela lama amarga que segue a escorregar pela água que um dia foi doce. O rio hoje é uma tabela periódica, os peixes se afogaram com a lama venenosa. O rio não é mais doce. O rio não é mais rio. Chico Science nunca foi tão profético, não consigo pensar em outra música, senão "da lama ao caos". Carlos Drummond de Andrade também com o poema "Lira Itabirana". O rio hoje é uma grande lama com as veias abertas que corta o meio do sudeste brasileiro. No meio da ponte que corta as cidades onde passava o rio doce agora há um asfalto de lama que não se percorre, pelo qual não se nada, não se respira, não se vive, o progresso secou a vida do rio até sua última gota. Qualquer outro crime socioambiental que venha depois deste, é filho desse, é filho do progresso, é filho do fanatismo capitalista, que continua a destruir o pouco do que resta. Precisamos urgentemente falar

sobre mineração, sobre rejeitos, sobre impactos, sobre populações atingidas. Precisamos falar sobre o Novo Marco da Mineração em debate no Congresso Nacional. O que caiu não foi só lama, porque por trás dos marrons que pintam a "lama", os rejeitos químicos contaminam, matam, intoxicam o respirável. Não é possível com a lama de rejeitos reconstruir vidas, a das pessoas, a da natureza. O barro só existe quando a água passa, quando encontra a terra, quando se mistura na argila. Já o que existe aqui não é lama, nem tampouco é barro, mas sim, é rejeito. São os restos da produção mineral, são os expurgos da natureza esgotada. Não há mais peixe nas águas, não há mais peixes na mesa, só há peixes mortos na lama, não há mais renda do pescado e as famílias terão que se reinventar sem um rio. O rio não era só uma fonte de água potável, derenda, de sobrevivência, mas também um símbolo do lugar, das cidades que corta e ao mesmo tempo integra. O rio era onde o pôr do sol se manifestava para acalantar o vir da noite, o lugar de histórias que hoje são lembradas nos olhos secos dos que encaram a nova paisagem e indagam-se: haverá recuperação para tamanha destruição? O reflexo do céu com suas nuvens não é mais visto no rio doce desde que a cor marrom tomou conta profundamente do inevitável. O rio doce agora reflete a terra que foi arrastada em dias de lamação de mundos. A cor turva de uma água poluída, mas ainda água, deu lugar a uma lama tóxica que tomou conta do afluxo doce e parece que nunca mais vai sair dali. O cenário marrom das águas que passa nas correntes que vai de Minas Gerais ao Espírito Santo, do Espírito Santo ao mar, já nos diz o bastante, diz o que esse rio já não é: um rio doce. A "lama" já chegou por aqui. Que comece o caos.

# COXIPÓ DO OURO:

*desde um Brasil indígena, negro e com câmera*

Por: Fran Rebelatto

Seguimos por estrada de chão desde Cuiabá... Ao longe, a imagem da imponente Chapada dos Guimarães. Verde do cerrado, a paisagem ia se espalhando no olhar dos viajantes. Na mochila levávamos câmeras, vontade de conhecer o outro e compartilhar histórias e memórias da região. Era a primeira vez do projeto "Cinema na Curva do Rio" em outro estado brasileiro.

Dizem que foi por ali que tudo começou: antes a chegada dos Bandeirantes e o extermínio dos indígenas da região. Levaram o ouro e toda a riqueza que encontraram pela frente. Logo depois - em novo ciclo de mineração -, foi a vez dos escravos encontrarem seu chão por ali. A estrada que seguíamos em direção à comunidade, também é conhecida como estrada dos escravos, que dava acesso ao negro que fugia das fazendas para os quilombos no pé da Chapada. O lugar é marcado por cicatrizes, lendas, memórias coletivas ou individuais que se expressam também nos traços de suas gentes. Traços negros, indígenas e brancos se mesclam na paisagem de águas calmas e muito verde aos arredores. Estamos no Distrito de Coxipó do Ouro, comunidade que

nos recebeu para as oficinas de audiovisual do projeto "Cinema na Curva do Rio", em parceria com o Cineclube Coxiponés, da Universidade Federal do Mato Grosso.

Literalmente estávamos no encontro da Curva do rio, não menos ocasional, grande parte das histórias filmadas nos três dias de oficina estavam vinculadas ao imaginário local relacionado ao rio. Com os jovens da comunidade aprendemos as lendas urbanas e rurais: a mulher do porteira que vaga pelas noites pedindo carona, o jacaré de ouro que o antigo minerador da região nunca encontrou, a invasão dos bandeirantes como algo alegórico na memória dos jovens, pulsante na memória dos antigos.

Foi por ali também que conhecemos a viola de cocho e a dança típica da região: o famoso "Siriri". Pulsamos junto com as gentes do lugar, ao cruzarmos as fronteiras do nosso próprio território. A conclusão é quase óbvia: muita voz, imagem e imaginários ainda tem que ser desvendados por este Brasil rural que depois de muitas estradas de chão tem: memória, juventude, muitas expressões artísticas culturais e a generosidade enorme em compartilhar com o outro.





Obs: É a primeira vez que o Projeto "Cinema na Curva do Rio" da UNILA saiu do Paraná, no Brasil. Os meninos do Coxipó do Ouro nunca tinham tido experiência com o Audiovisual. Realizou-se quatro curtas-metragens que podem ser encontrados na página do projeto no youtube e que foram exibidos - com a presença dos realizadores -, na tela gigante do auditório da UFMT. Universidade e comunidade podem e devem se reconhecer.



### O PROJETO

A Revista Peabiru é um projeto de extensão da UNILA que conta com a colaboração de professores e alunos de diferentes áreas do conhecimento da universidade e da comunidade. O projeto surgiu com a ideia de produzir

uma revista colaborativa para dialogar com o contexto latino-americano e da Fronteira Trinacional (Foz do Iguaçu, Argentina e Paraguai). A revista tem o objetivo de contribuir para a integração das diferentes culturas manifestadas pela pluralidade de vozes que ecoam através dos territórios e das gentes da América Latina.

### CONTATO:

[revista.peabiru@unila.edu.br](mailto:revista.peabiru@unila.edu.br)

[unila.edu.br/revistapeabiru](http://unila.edu.br/revistapeabiru)



ISSN 2358-4831